



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<http://seer.ufrgs.br/nauliteraria>

Vol. 13 N. 02 2017

Literatura e Confinamento II

Arquivos da memória: um passeio pelos espaços interditos de *A misteriosa chama da rainha Loana*, de Umberto Eco

Deborah Garson Cabral

Resumo: O presente artigo propõe um passeio na narrativa *A misteriosa chama da rainha Loana*, romance de Umberto Eco escrito em 2004, visando compreender alguns aspectos tratados pelo autor a partir da reconstrução da memória do protagonista Giambattista Bodoni, o Yambo, um desmemoriado sexagenário que buscará recompor sua memória a partir da revisitação dos espaços do passado de sua história. A partir dos estudos de Sigmund Freud e refletindo sobre como se constrói a memória individual e sua repercussão na reformulação das recordações permeadas pela memória coletiva, o que se busca é compreender como um indivíduo fragmentado, com sua memória autobiográfica esfacelada, conseguirá reconstruir o labirinto de sua mente em ruínas. Para tal empreitada, além de Freud, visitamos Maurice Halbwachs para compreender a manifestação da memória coletiva na construção da individual, além de refletir, também, sobre a questão do trauma, elemento presente na narrativa e amplamente discutido por Freud. A reverberação do tema da memória e seus desdobramentos se fazem presentes na narrativa, perpassando sua temática e alcançando sua estrutura, que revela a adoção de espaços e ambientações que remetem à dificuldade de se reconstruir essa memória perdida, em busca de uma identidade danificada, de forma que esse personagem, tão cindido, possa reconstruir sua própria imagem frente ao espelho de sua vida.

Palavras-chave: Espaço; memória; identidade; trauma.

Abstract: This paper proposes a tour inside the narrative *The Mysterious flame of queen Loana*, romance written by Umberto Eco at 2004, aiming to understand some aspects treated by the author from the reconstruction of the protagonist's Gianbattista Bodoni memory, named by Yambo, a forgotten sexagenarian who will seek to recompose his memory from the revisitation of the spaces of his past history. Form the studies of Sigmund Freud and reflecting on how the individual memory is constructed and its repercussion at the reformulation of the remembrances permeated by the collective memory, what is sought is to understand how a fragmented individual, with his totally crushed autobiographical memory, can rebuild the labyrinth of his mind in ruins. For this endeavor, besides Freud, we visit Maurice Halbwachs to understand the manifestation of the collective memory in the construction of the individual's one, and also reflecting about the question of the trauma, a present element inside this narrative and largely discussed by Freud. The reverberation of the theme of memory and its unfoldings are presents in the narrative, running through the thematic and reaching its structure, wich reveals the adoption of spaces and environments that refers to the difficulty to rebuild this lost memory, in search of a damaged identity, so that this character, so spunky, can rebuild his own image in front of the mirror of his life.

Keywords: Space; memory; identity; trauma.

Chegarei assim ao campo e aos vastos palácios da memória, onde se encontram os inúmeros tesouros de imagens de todos os gêneros, trazidas pela percepção. Aí é também depositada toda a atividade de nossa mente, que aumenta, diminui ou transforma, de modos diversos, o que os sentidos atingiram, e também tudo o que foi guardado e ainda não foi absorvido e sepultado no esquecimento.
Santo Agostinho

Em sua obra, Freud desenvolve conceitos os mais diversos, entre eles, fala acerca dos mecanismos de defesa do ego, mecanismos estes que funcionam como reguladores da memória para manter um funcionamento saudável das recordações em consonância com as sensações provocadas por elas. Todos possuem mecanismos de defesa, tornando-se um sintoma patológico a partir do momento em que algum destes acaba por ser usado de forma desenfreada, ocasionando uma neurose.

A partir de seus estudos sobre a origem e a manifestação da histeria, Freud pôde compor uma teoria vasta sobre estes sintomas, os quais serão abordados neste texto. Vale ressaltar que, no decorrer de sua produção teórica, Freud reformula muitas de suas teorias, o que contribui para o desenvolvimento da psicanálise. Tomaremos como base alguns textos para mera conceitualização, não deixando de lado a importância das transformações destes estudos, mas a título de referência, para que não nos percamos entre tantos textos e reflexões acerca destes termos.

A história de *A misteriosa chama da rainha Loana*, romance de Umberto Eco escrito em 2004, com publicação no Brasil em 2005, inicia-se em uma cama de hospital. Giambattista Bodoni acaba de acordar de um estado de coma e começa a reconhecer o espaço e seus próprios pensamentos que, a princípio, foram invadidos por citações diversas e desconexas, passeando por várias obras literárias. Inicia um diálogo com o médico, que passa a lhe fazer perguntas, respondidas mais que satisfatoriamente. O bloqueio surge quando se faz a seguinte pergunta: “E o senhor, como se chama?”. Yambo se depara com um muro, pensa em diversos nomes que não o seu, e relata a sensação da *névoa*, ao que o doutor constata um dano na memória, uma perda parcial. Desde o início da narrativa, o que se promove é uma angústia provocada pela desreferencialização do sujeito enquanto possuidor de uma identidade histórica, contextualizada e hermética, para se tornar um sujeito vagante, um homem sem face que procura por espelhos que possam mostrar quem realmente ele é. Seu desconhecimento de si face ao espelho no hospital já é primeiro fator que demonstra esta assertiva, visto

que não é a partir de si que este indivíduo esfacelado irá se reorganizar. O personagem narra:

[...] No banheiro me vi no espelho. Pelo menos estava bastante seguro de que era eu porque os espelhos, *como se sabe*, refletem aquilo que têm diante de si. Uma cara branca e escavada, a barba longa, duas olheiras assim. Estamos bem, não sei quem sou mas descubro que sou um monstro. Não gostaria de me encontrar de noite em uma rua deserta. Mr. Hyde. (ECO, 2005, p. 15, grifo do autor)

Compreende-se, então, que o personagem se reconhece apenas porque sabe a função de um espelho, mas não se reconhece enquanto indivíduo, ocasionando, assim, uma duplicação de si. A partir deste momento, irá reaprender tudo sobre quem é, mas com base naquilo que os outros passam a dizer, não mais calcado pelas suas próprias experiências. A perda do eu narcísico explica sua sensação de desreferencialização. Levando em conta os estudos freudianos, o conceito do eu narcísico, neste ponto, se dá devido ao caráter de construção identitária promovida por este acontecimento na vida do indivíduo. Para Freud, a criança, ao tomar contato com o mundo, constrói uma figura que funciona como referência de si, que o diferencia do restante, o eu narcísico.

Giambattista Bodoni, o Yambo, o protagonista da narrativa, fará uma viagem no tempo em busca de um passado perdido entre folhas da biblioteca de toda sua vida. Para tentar se encontrar, Yambo volta ao arquivo de seu passado com o intuito de investigar sua origem e suas memórias. Esta busca pela reconstrução da identidade baseia-se no resgate dos arquivos físicos de sua infância, das suas leituras e das músicas que ouvia e que remontavam à época em que viveu em sua antiga casa e às histórias que vivenciou; através desta caçada ao tesouro da memória, aos poucos vai reedificando suas lembranças, construindo uma pseudorrecordação de suas vivências e provocando a sensação de simulacro de si mesmo. A perda da memória, para Yambo, trouxe o desconhecimento de si e de seu mundo pessoal, ou seja, ele se reconhecia como parte de um tempo, mas não como agente de seu tempo. Yambo passa a ser um indivíduo fragmentado, sem raízes, deixando de ter lembranças das vivências que compunham sua individualidade. Torna-se um ser enclausurado entre as paredes de sua memória bloqueada.

Para Freud, a memória é composta por três instâncias, o inconsciente, local onde se armazenam as primeiras impressões do ser, ficando ali reservados os traços de tudo aquilo com que o indivíduo toma contato, como uma memória permanente; o pré-consciente, responsável pela mediação dos estímulos recebidos ao inconsciente, onde

são filtrados, selecionando aquilo que será lembrado e o que permanecerá obscurecido; o consciente, plano da memória acessível, capaz de racionalizar a busca pelos arquivos da memória, como uma espécie de memória renovável, temporária, relacionada à percepção. Apesar da busca incessante de Yambo e das sensações hipotéticas de reconhecimento de si, o que ocorre é a formação de uma barreira que impede o acesso aos componentes que antes eram reprimidos conscientemente. A casa de Solara, para Yambo, representa a família, os pais e o avô, que foram perdidos pelo personagem de forma traumática. Todos os arquivos da memória relacionados às suas experiências emotivas migraram para o inconsciente, tornando-se inacessíveis. Da mesma forma, o esconderijo reencontrado das recordações pueris de Yambo, que despende oito dias no sótão, título de um dos capítulos do romance, para reler os livros de sua infância, em busca de reviver as experiências de sua tenra idade e, assim, reacender a misteriosa chama: “[...] Mas, e o escritório de meu avô? Devia estar cheio de coisas. Onde foram parar?” ‘Lá em cima no sótão, tudo no sótão. Lembra dele? Parece um cemitério, a mim me dá tristeza, só subo para espalhar os pratinhos com leite’” (ECO, 2005, p. 106). Aí o espaço de reencontro com suas vivências literárias da infância e mais um lugar de voz abafada de suas memórias.

Freud postula que existem lembranças que se resguardam no inconsciente, de maneira que não são acessadas permanentemente pelo consciente, permanecendo recalçadas e que, quando retomadas, são reformuladas. Para Freud, a recordação ocorre como uma associação de rastro e sobreposição de experiência, em uma espécie de acalcamento dessa marca, que reforça a lembrança, tornando-a presente, reelaborando-a. Freud explica que o sistema inconsciente (*Ics*) armazena as lembranças, os rastros, sem distinção. Lilian Braga dos Santos, pesquisadora do tema da memória em Freud, explica melhor este mecanismo:

[...] no âmbito do *Ics* não há lugar para a negação, não existe nele contradição, antes, tudo o que podemos encontrar no *Ics* são “conteúdos preenchidos com cargas de investimento que podem ser mais ou menos intensas” (FREUD, 2006: 37). As cargas de investimento são passíveis de mobilidade, esta se dá pelo processo de *deslocamento* e pelo processo de *condensação*. Os processos do sistema *Ics* são atemporais, ou seja, não se encontram organizados em relação ao tempo, de maneira cronológica. Além disso, os processos do *Ics* não levam em consideração a realidade. Existe uma substituição da realidade externa pela realidade psíquica. (SANTOS, 2008, p. 492–493)

Desta forma, desenvolve-se a (des)organização das memórias no *Ics*, e que, posteriormente, se reorganizam, de acordo com as novas experiências que vão se acumulando e agregando, nas lembranças armazenadas, novos valores

representacionais. Portanto, a memória se encontra, para Freud, em constante transformação, sendo reescrita constantemente, a partir das novas experiências que vão se renovando. Desta forma, a literatura funciona, em analogia, como uma reorganização mnemônica do já escrito. John Barth, em seu texto *Literature of exhaustion*, postula que a atualidade conta com uma forma renovada de escrita. É evidente que a criação literária, em seu percurso desde os primórdios até a contemporaneidade, faz uso de seu próprio cânone para se autorreferir. Desta forma, as obras literárias são sempre remontadas em outras, servindo de referencial para sua compreensão e de apoio para seu enriquecimento. Sendo assim, a literatura, acreditando-se como a narrativa da memória por excelência, funciona da mesma maneira que o aparelho psíquico humano. A analogia se torna simples, porém bastante apropriada para evidenciar os pontos principais da obra em questão. *A misteriosa chama da rainha Loana* evidencia o caráter da literatura enquanto depositária da memória histórica da humanidade. Em outro de seus livros, este teórico, Umberto Eco expõe a importância do livro, matéria física, e seu caráter arquivológico, capaz de armazenar, em forma artística, literária, a história de um povo, sua identidade e cultura. A obra literária, de forma velada, ao ser lida, instiga o leitor em busca de uma recordação latente, já presente em seu inconsciente, acerca da sua própria identidade, sua história, que o auxiliará na compreensão da obra. O arcabouço individual do leitor é o que o faz compreender o texto, fazer as devidas associações e alcançar o objetivo final da leitura. Dizem: ninguém, ao finalizar um livro, é a mesma pessoa que deu início a essa leitura. O livro transforma as pessoas, faz com que encontrem-se a si mesmos em suas linhas, promovendo aquilo que a psicanálise busca em suas sessões terapêuticas, o autoconhecimento que culmina no encontro com sua própria identidade, sua essência, suas pulsões e paixões.

Freud, ao falar sobre os processos de defesa do ego, afirma que um dos mecanismos efetivos é o de repressão, que funciona de forma a manter no plano inconsciente as recordações que poderiam causar algum desequilíbrio em seu sistema, evitando que estas sensações venham à tona e prejudiquem o funcionamento normal do sistema psíquico. Desta forma, o indivíduo não tem acesso às recordações e, assim, se protege de eventuais perdas de energia.

Ao se deparar com suas filhas e netos, Yambo busca dentro de si alguma referência para reconhecer aquelas pessoas estranhas, mas não encontra nada:

Abri os olhos e disse bom-dia. Havia também duas mulheres e três crianças, nunca vistas antes, mas podia imaginar quem eram. Foi terrível, porque com a esposa, paciência, mas as filhas, Deus meu, são sangue do meu sangue e os netos mais ainda, e os olhos daquelas duas brilhavam de felicidade, as crianças queriam subir na cama, pegavam minha mão e diziam oi, vovô, e eu nada. Não era nem névoa; era, como direi, apatia. [...] Aprendia coisas acontecidas comigo como se tivessem acontecido com outra pessoa.

[...]

Disse que me sentia fraco e precisava dormir. Saíram, eu chorava. As lágrimas são salgadas. Donde, eu ainda tinha sentimentos. Sim, mas fresquinhos da hora. Aqueles de antes já não eram mais meus. Quem sabe, perguntava-me, se alguma vez fui religioso: certamente, de qualquer jeito, perdera a alma. (ECO, 2005, p. 25–26)

Em busca de resgatar a memória, ainda no hospital, o médico, Dr. Gratarolo, mostra algumas fotografias, entre as quais a de um casal, como mostra o excerto a seguir:

“Quem são esses?”, perguntou Gratarolo mostrando outra imagem. Era uma foto velha, ela com um penteado anos trinta, uma roupa branca pudicamente decotada, o nariz batatinha, mas bem miudinho, e ele com um repartido perfeito, talvez um pouco de brilhantina, um nariz pronunciado, um sorriso muito aberto. Não os reconheci (artistas? Não, pouco *glamour* e pouca encenação, recém-casados, talvez), mas senti como um aperto na boca do estômago e — não sei como dizer — um gentil delíquio.

Paola se deu conta: “Yambo, são seu pai e sua mãe no dia de seu casamento.”

“Ainda estão vivos?”, perguntei.

“Não, morreram já faz tempo. Em um acidente de carro.”

“O senhor perturbou-se quando viu a foto”, disse Gratarolo. “Certas imagens despertam alguma coisa aí dentro. Trata-se de um caminho.”

“Mas que caminho, se não consigo nem repescar meu pai e minha mãe desse buraco negro do diabo”, gritei. “Vocês disseram que aqueles dois eram minha mãe e meu pai, agora já sei, mas é uma recordação que vocês me deram. De agora em diante vou lembrar dessa foto, deles não.” (ECO, 2005, p. 25)

A angústia do personagem ao desconhecer os entes de sua família, em sentir-se vazio no que tange aos sentimentos, provoca um dilaceramento do ser, a sensação de estranho a si mesmo.

Mas pensemos no título: *A misteriosa chama da rainha Loana*. No decorrer da narrativa, o protagonista irá se encontrar com sensações provocadas pelo encontro de imagens e sons que o perturbarão, fazendo-o se reconectar a alguma recordação do passado, mas impedindo-o de identificar através da névoa. É a sensação do “estar na ponta da língua”, um bloqueio ocasionado ou por um mecanismo psíquico ou, no caso, pelo trauma do acidente ocorrido com Yambo. O acesso às recordações ligadas aos sentimentos, este espaço da memória, foi bloqueado. Aos poucos, Yambo vai acessando sensações provocadas por estímulos que são identificados como familiares, porém há a impossibilidade de racionalizar, de trazer ao consciente a memória a que pertence a sensação. Para Freud, a linguagem se relaciona com o inconsciente, sendo este o espaço

mnemônico por excelência, no qual todos os rastros são armazenados, sendo acessados quando necessário e, através da repetição, vão se fixando, enquanto recordação de acesso permitido. Aquilo que se mantém no inconsciente e não possibilita acesso são os conteúdos inconscientes, ou seja, os conteúdos com os quais não se relaciona a formação de compromisso, e que se manifesta através dos atos falhos, chistes e pelo sonho.

Os mecanismos da memória podem ser evidenciados pela revisitação do passado através do retorno à casa de Solara, local onde o personagem nasceu e viveu sua infância e adolescência, momentos cruciais na formação da personalidade. Após o dano causado pelo acidente e posterior coma, Giambattista passa a procurar uma forma de acessar novamente os conteúdos inconscientes, para reorganizar seu consciente e, para isso, reencontra-se com o local onde viveu e com os arquivos visuais e sonoros de suas recordações: os livros e as canções, no cenário de Solara. O fato de haver um conflito no presente, proporcionado pela falha mnemônica, faz com que o personagem tente regressar ao momento do qual não se recorda, ao momento de construção da identidade, e usa dos artifícios do arquivo pessoal para tentar recompor o arquivo de sua memória. A partir do reencontro com os personagens dos livros lidos em sua infância/adolescência, o personagem vai se identificando com suas características e reconstruindo seu ego.

Conforme vai entrando em contato com sua “memória vegetal”, termo cunhado por Eco em seu livro *A memória vegetal e outros escritos sobre bibliofilia* (2010), que corresponde à memória resgatada pelos livros, feitos de papel, e por isso denominada “vegetal”, Yambo reconstrói fragmentos de sua adolescência, momento em que havia se apaixonado platonicamente por uma garota, Lila Saba. Por não se recordar do rosto da garota, procura saber mais a respeito, porque sente “a misteriosa chama”, mas não consegue explicar a si o motivo que faz com que esta recordação se torne uma obsessão para sua memória. Percebe-se uma relação muito estreita entre Yambo e as mulheres, que sempre foram presentes em sua vida, como Paola já havia dito. Neste percurso, ele entra em contato com as musas de sua época, as grandes atrizes norte-americanas, personagens de revistas que eram emblemas de fetiches adolescentes, e reconhece Rainha Loana, que se revela uma personagem de um de seus quadrinhos, sem muita profundidade mas, pela sonoridade do título, *A misteriosa chama da rainha Loana*, se

eterniza em sua memória. Daí surge sua “misteriosa chama”, a definição para “o brilho de delícias esquecidas” (ECO, 2005, p. 253).

Yambo buscava recordar sua identidade. Para isso, foi de encontro com seu passado mais adormecido, sua infância e adolescência, no local onde vivera, do qual havia se afastado após a morte de seus pais e seu avô. As recordações contidas neste local o feriam de alguma forma e, para mantê-las adormecidas, preferia esconder da vista aquilo que as trazia à tona, mantendo tudo aquilo que era objeto de possível rememoração de seus familiares ocultado. Após o acidente, motivo de sua amnésia, as primeiras referências que precisavam ser retomadas era justamente o reconhecimento de sua origem, marcado pela fotografia dos pais, suscitando a necessidade de percorrer novamente os “palácios da memória” (AGOSTINHO, 1955). De acordo com a própria narrativa, Giambattista havia ordenado que a ala antiga da casa de Solara se mantivesse fechada, sem acesso aos visitantes para que não possibilitasse recordar de suas lembranças relacionadas à família. Os arquivos da memória, assim, conscientemente, foram obscurecidos através do ocultamento dos espaços que poderiam estimular este ato. Este processo de repressão das recordações dolorosas, enviando o passado para a ala antiga e trancando suas portas, tornando seu acesso dificultado, denota um mecanismo de defesa de Yambo. O recalçamento dessas experiências acaba sendo debilitado, visto que as reminiscências do vivido retornam à sua memória como impulso de busca pelo reconhecimento destes espaços, que acaba por provocar uma sensação de estranhamento, pois as recordações, de maneira obscurecida e confusa, vêm à tona no seu consciente, ao mesmo tempo em que se impede o encontro da origem desta recordação. É a “misteriosa chama”, o *unheimlich* de Yambo.

O que se verifica é que a perda da memória leva também consigo a seleção natural de tudo o que esta memória já havia recalçado, em busca de se proteger dos objetos que causam dor ao ego. Por isso, na tentativa de reconhecer-se, Giambattista retorna aos espaços de dor, que guardavam suas memórias propositalmente escondidas, que foram os que o conduziram ao que hoje constitui este indivíduo. Todos os conteúdos indesejáveis precisariam ser revisitados, no intuito de encontrar o cerne da constituição identitária de Yambo, suas pulsões e repressões. Afinal, o homem também é constituído através de seus traumas. Concomitantemente à visita aos espaços da memória, segue-se a releitura das obras literárias que compuseram sua infância e adolescência. O papel dos livros, então, seria o de mediador entre a memória reprimida

e a compreensão da formação do ser através desta memória, como que ligando as sensações provocadas pela recordação e o encontro do ponto fundamental possível de surgimento dessas sensações. O livro toma forma de auxiliar que inquirir ao personagem sobre as possibilidades dos conteúdos latentes em sua memória, direcionando a reconstrução do indivíduo completo, através da busca pelo reconhecimento dos mecanismos da memória e da investigação dos lapsos ocasionados pelo recalçamento de suas lembranças.

Apesar desta função benéfica, o trauma ocasionado pelo acidente de Yambo o impede de se recordar com certeza de suas experiências, o que promove uma sensação dúbia enquanto certificação da verdade. Não se sabe se as recordações de fato acontecem, ou se o que ocorre é uma reconstrução de sua memória a partir de uma nova concepção do eu. O retorno ao passado enquanto um ser novo, apartado de si mesmo, o faz observar as possíveis recordações de outro modo, sem compreender completamente qual a motivação da seleção dessas memórias, do ocultamento dos motivos de angústia e dor, e assim reconstruir sua identidade com base em uma nova perspectiva de si, uma nova leitura de sua própria história.

Com a *recherche* incansável de suas memórias, Yambo se depara com alguns conteúdos reprimidos em sua história, como o caso de Lila Saba, a garota por quem foi apaixonado no período de escola, seu primeiro amor platônico. Este e outros eventos são ressignificados pelo personagem, que interpreta suas ações posteriores a partir destas vivências pueris.

Ao final da narrativa, após revisitar todos os espaços da memória e encontrar-se com os personagens e livros que compuseram seu imaginário, Yambo, tomado de tamanha emoção ao encontrar um determinado livro, o infólio de 1623 de William Shakespeare (ECO, 2005, p. 297), acaba por sofrer um colapso, entrando em estado onírico. Após esse momento, o que ocorre é um *brainstorm*, um fluxo de relações entre imagens que vão permeando seu consciente e fazendo associações aparentemente sem conexões fieis. O plano dos sonhos, para Freud, corresponde a um espaço de linguagem pura, sem contato com as significações que se dá, no plano consciente, a determinados objetos.

A relação feita pelo personagem entre seu estado de desmemoriado e a sensação de caminhar pela névoa é outro fator interessante na narrativa. Yambo reflete sobre a dificuldade de enxergar o passado a partir da pergunta do médico sobre seu nome. A

princípio diz que seria como se, ao virar-se para trás, se deparasse com um muro, o que, em seguida, retifica: “*Não é que sinta alguma coisa sólida, é como andar na névoa.*” (ECO, 2005, p. 12, grifos do autor) A partir deste momento, a metáfora será sempre repetida e reforçada, a sensação de névoa por todos os lados, algo que impede a visão completa, mas deixa ver contornos. A escolha da névoa como efeito que caracteriza os espaços principais de toda sua narrativa, presente na manifestação do espaço psicológico (REIS; LOPES, 1988) nos espaços sociais percorridos por Yambo em alguns momentos da narrativa, demonstra a não gratuidade de cada opção semântica, dando indícios do ambiente que vai se produzindo através do discurso. O lugar de fala do personagem se caracteriza pela névoa e pelo bloqueio, sendo um espaço de clausura narrativa, no qual apenas se vislumbra pinceladas da possível realidade por ele vivida. A memória bloqueada, sugestiva, que não se expõe, mas se deixa explorar, e esconde da recordação aquilo que sabe estar lá, mas que não pode ser visto. Já na etapa final da narrativa, Yambo se refere às suas recordações exemplificando através da névoa, sua névoa interior:

Tenho de esperar que as lembranças venham sozinhas, seguindo uma lógica sua. Assim se caminha na névoa. Ao sol, você vê as coisas de longe e pode mudar de direção justamente para encontrar alguma coisa precisa. Na névoa algo ou alguém vem a seu encontro, mas você não sabe o que ou quem é até que chegue perto. (ECO, 2005, p. 325)

Esta névoa, enquanto empecilho para enxergar seu passado, se caracteriza como o inibidor de sua memória, o trauma provocado pelo acidente, ou o motivo psicológico que causa o sintoma. Posteriormente, Paola, sua esposa, após ouvir Yambo citar trechos de poemas, os quais falavam, em sua maioria, sobre a névoa, comenta:

"Você era fascinado pela névoa. Dizia que nasceu dentro dela. E há anos quando topava com uma descrição da névoa num livro anotava na margem. Depois, pouco a pouco ia fotocopiando as páginas no estúdio. Acho que vai encontrar lá o seu dossiê névoa. E depois é só esperar, ela vai voltar. Embora não seja mais como antigamente, Milão tem luz demais, muitas vitrinas iluminadas mesmo à noite, a névoa se afasta deslizando pelas paredes." (ECO, 2005, p. 36)

A névoa, então, motivo de obsessão de Yambo antes do acidente, retorna em forma latente, tornando-se aquela que esconde suas lembranças, mas ao mesmo tempo deixa ver que há algo ali, um inconsciente manifesto. Portanto, a névoa motiva o espaço físico da narrativa, mas, para além e antes disso, ela invade o espaço psicológico do personagem, sendo a característica maior de sua confusão mental, representando a ausência da memória, o trauma. O espaço, ambientado pela névoa, traz a ideia de

simulacro do espaço, que se desmaterializa, distanciando-se do real, pois, se a névoa, tão impalpável e tão irreferencial, é o cenário escolhido para narrar os acontecimentos da vida de Yambo, este espaço se transforma em não lugar, remetendo o tempo da narrativa ao tempo da memória, assim como seu espaço.

Ao rever seus livros, revistas e gibis, quadros e discos, os arquivos da memória que encontra no sótão da casa de Solara, sensações vão dominando o narrador que vai reconstruindo suas lembranças, supondo que a sensação sentida no momento atual da leitura (ou observação) é o mesmo referente à primeira leitura de sua infância. O que importa, dentro desta narrativa, é verificar a referência imagética que influencia a obra como um todo, confirmando a ideia de que as imagens, na segunda metade do século XX, passam a habitar a memória referencial de uma geração. Referências do cinema, da guerra, das canções e da política da época, as imagens compõem a relação do indivíduo com seu meio, reforçando sua memória enquanto construto social. Hal Foster diz que a repetição da imagem provoca ao mesmo tempo choque e conformidade no observador, “pois quanto mais se olha para exatamente a mesma coisa, tanto mais ela perde seu significado” (FOSTER, 2005), fazendo com que o trauma seja absorvido pela sua repetição. No caso de Yambo, as imagens vão se repetindo, de forma inversa, reorganizando seu pensamento e retomando a origem de sua formação enquanto conceito. Freud diz que o inconsciente é formado de imagens e que as palavras são sua relação com o consciente. Nada mais natural que a associação entre palavra-imagem, então. Ao mesmo tempo, muitas recordações podem ser criadas pelo desejo, para Yambo, o desejo próprio de recordá-las. Por isso o ciclo que retorna ao ponto de partida, a incerteza sobre a verdade de suas lembranças. A busca desenfreada se torna uma obsessão, a *recherche* incansável de sua identidade, uma repetição psicótica de sua memória vegetal. Yambo seria a metáfora da época contemporânea, o paradoxo do excesso de informação visual e a consequente perda de sentido simbólico, o automatismo visual provocado pela repetição constante de imagens que são “pipocadas” frente aos olhos de todos. O excesso de informação que, por consequência, causa a perda da memória. Crítica e paradoxalmente, este personagem, modelo da revolução da imagem do século XX/XXI, busca reescrever suas memórias, recordar quem realmente é; sua obsessão é traçar um caminho em busca de sua origem e suas conexões com o presente.

A perda da memória faz com que Yambo tenha de passar pelas situações mais corriqueiras, assimilando delas as sensações como que inéditas, a experiência de escovar os dentes, a textura da pasta, a degustação de dois tipos de vinhos diferentes, sabores, cores, aromas como que novos, apesar de já tão corriqueiros em sua vida “anterior”. Para além do conhecimento, o qual fazia com que soubesse diferenciar Milão de Veneza, o que agora era novo para Yambo eram as experiências, que o reconstruía pouco a pouco, formando um novo ser, uma nova identidade, novas escolhas e preferências.

A presença de imagens, o que caracteriza a obra como um romance ilustrado, vem de encontro com outro fator relacionado à literatura contemporânea. A crítica à ditadura da imagem, em confluência com o valor da informação condensada na imagem, são mostrados neste romance, que trata a imagem como paradoxo, repleta de conteúdo, mas que não resulta em conhecimento, em acúmulo de saber. As ilustrações presentes na obra indicam uma época na qual elas representam e sua relação subjetiva com o personagem, constituindo um universo de vivências e interpretações sobre si mesmo. Acontece que, devido ao seu lapso de memória, Yambo se perde em suas imagens, buscando ressignificá-las, o que acontece de maneira deficiente, visto que houve uma cisão entre o personagem e suas origens, seu consciente. O trauma se torna fator preponderante nesta análise. Karl Schollhammer cita, em seu texto *Realismo afetivo*, que Foster:

[...] descreve uma produção artística que abandona a distância da realidade e se propõe um encontro com ela no seu aspecto mais cru, abrindo caminho através de linguagens e imagens, através do simbólico e do imaginário em direção a um encontro impossível com o real. O conceito do real aqui não tem nada a ver com o que na linguagem coloquial chamamos de “realidade”, pois adotado da tríade lacaniana do “simbólico, imaginário e real”, esse termo último é definido por ser aquilo que resiste à simbolização, aquilo que pela mesma razão não pode ser nem mesmo definido e muito menos representado e cuja mera existência e emergência produz angústia e trauma. (SCHOLLHAMMER, 2012, p. 133)

Ainda sobre o aspecto realista, Schollhammer define que

Em vez de fortalecer o efeito referencial, no romance do final do século XIX, a realidade começa a aparecer, absorvida pela interioridade subjetiva de um discurso indireto livre que se desenvolveu e radicalizou de Dostoiévski a Joyce e Woolf, criando um certo “Realismo psicológico”, fragmentado e anárquico, de uma visão de mundo em crise. (SCHOLLHAMMER, 2012, p. 131)

É justamente este aspecto subjetivo da escrita, que se desenvolve a partir do início do século XX, o que coopera para causar no leitor esta comunhão com o texto

que, apesar de se distanciar da referencialidade direta com a realidade, conduz o interlocutor ao interior do pensamento do personagem, encontrando a subjetividade que o identifica e a relaciona a esta mesma realidade. Em busca de encontrar-se a si mesmo, Yambo procura as referências no exterior, nas imagens e leituras que habitaram sua construção histórica, mas esse reencontro consigo só se dará a partir da introjeção desta realidade no indivíduo, de forma contundente. No momento em que o referencial externo encontra sua representação interna, aí ocorre a liberação do trauma e se promove o acesso aos arquivos da memória. Ou seja, para Freud, é através da associação e dissociação entre significante e significado que se encontram os mecanismos do trauma, que se libertam à medida em que estas dissociações se reorganizam e trazem à tona o objeto vinculado ao trauma. E é através do ato de narrar que se chega a esse resultado. A quebra e dissecação dos símbolos, na busca de identificar a ligação do símbolo e sua representação é o que a narrativa possibilita, a partir da repetição e associação.

A relação entre o observador Yambo e as imagens por ele observadas, informativas, é a ruptura de que fala Foster, ou seja, é o momento em que a imagem deixa de ser apenas uma imagem, para adquirir um sentido no qual o observador é o próprio ressignificador da imagem, criando uma relação dialógica entre esta imagem e sua impressão acerca dela. É nesta relação que se procura o momento exato de identificação entre o observador e o objeto observado, o instante em que este objeto passa a pertencer ao observador, promovendo neste a sensação de estranhamento. Para Foster, a repetição, em Warhol, é o que causa a angústia objetivada e, assim, estipula qual o *punctum* (referencial dentro da imagem) que é fixado e ocasionador esta sensação de estranhamento. Assim, em *A misteriosa chama da rainha Loana*, o que se observa é a mesma repetição, tanto em relação às imagens pertencentes ao universo deste personagem quanto ao tema: a ideia da violência, as relações entre vida e morte, as experiências traumáticas de Yambo e sua relação com a guerra, com o mal e com Deus.

Não há como restringir a análise de uma obra contemporânea apenas à sua forma. É evidente que a escolha estilística feita pelo autor se torna clara e é ferramenta indispensável para a interpretação da narrativa, por isso, imprescindível é o seu estudo. Porém, no que tange aos estudos contemporâneos, torna-se fundamental refletir acerca da presença do autor enquanto receptor de influências de um contexto definido, além da função do leitor, visto que este mesmo autor pressupõe seu público. Esta imbricação da

realidade na ficção toma forma na narrativa, através da inserção de elementos que se referem ao exterior do texto. No caso de *A misteriosa chama da rainha Loana*, as imagens de publicidade em revistas, as capas de gibis, os cartazes de filmes e convocações para fazer parte do exército italiano retomam a época do relato dentro do relato. Estas imagens que compõem o imaginário de uma geração, a geração de Eco, transportam o leitor ao passado e trazem a ele a história dessa época, parte da história que compõe sua identidade e sua nação. Através das imagens, o leitor vai passeando pelo tempo e observando um passado apagado, escondido por detrás da névoa, entre imagens aparentemente insignificantes, mas que carregam consigo toda uma ideologia. A construção do ideário nacional italiano perpassa por estas imagens, desde os heróis importados até as musas do cinema, configurando uma geração marcada pelo pós-guerra, reconstruída com o auxílio estadunidense e, por isso, influenciada diretamente por sua cultura. É por detrás destas imagens que se escondem os traumas da guerra, e também através delas é que se alcança a recordação destes momentos de dor. Cabe ao leitor atento remendar os tecidos do livro e encontrar o mapa da leitura ideal.

O que ainda se pode dizer a respeito da narrativa é que esta evidencia as relações interliterárias, trazendo à tona a questão da reescritura, um retorno ao já escrito de forma a renovar o que já existe. Esta seria a função paródica do texto, como sugere Linda Hutcheon (1985). Eco, ao trazer um personagem de tamanha complexidade, possuidor de uma vasta erudição e que acaba por perder a memória e busca resgatá-la através da leitura de obras literárias, traça um paralelo entre a narrativa e seu tema, a memória vegetal, capaz de reorganizar e compor a identidade de toda uma geração, levando em consideração as preferências de cada indivíduo, mas relacionando suas histórias e aproximando seus desejos e construção do Outro baseado também nos heróis idolatrados de seu arcabouço literário. Tornando Yambo, o bibliófilo, a voz testemunhal de sua geração, Eco ressalta a importância da literatura, enquanto recipiente da memória universal, em seu papel de construtora de indivíduos, reprodutora de valores e conhecimentos, os quais pertencem a todos que dela fazem uso.

Para Freud (1976), a memória se constitui de experiências pessoais que são marcadas como traços no inconsciente que, com a repetição dos eventos, vão sendo reforçadas e compondo o rol de recordações do indivíduo. Eco, em sua conferência sobre a “memória vegetal” (2010), defende a perpetuação da memória através da literatura, que eterniza e auxilia a recordar aquilo que historicamente se torna

fundamental. Ao contrário do que afirma Platão, a escrita é um benefício que possibilita a manutenção da lembrança, para que ela não se perca. Além disso, a memória social se constrói a partir da contação de histórias, a partir da transferência dos fatos passados para os novos seres pertencentes a um grupo, e uma das ferramentas utilizadas para essa perpetuação é a memória vegetal que, antes da escrita, se fazia em forma da palavra falada, do hábito de se reunir entre anciãos e jovens para compartilhar os acontecimentos anteriores, que passam, assim, a fazer parte da construção da memória individual de cada integrante desse grupo. Essa memória coletiva compõe a memória do indivíduo, que absorve para si estes fatos de forma a constituir suas referências identitárias, de pertencimento.

Halbwachs (1990), em seu texto *A memória coletiva*, define a memória como sendo uma construção social, baseada em experiências coletivas e que só mantém seu valor de acordo com as experiências que se perpetuam. Dialogando com *A misteriosa chama da rainha Loana*, encontramos um personagem que busca reconstruir suas memórias e sua identidade a partir de imagens que o remetam a seu passado, que já não é mais o mesmo nem enquanto recordação nem enquanto revisitação da lembrança. Yambo, ao buscar essa reconstrução, acaba por criar uma nova memória de uma situação hipotética, que sequer tem certeza de ter vivido. No excerto a seguir, ao ver a fotografia de seus pais, Yambo, dialogando com seu médico, se refere a essa hipótese e à ambiguidade de que a memória se constitui:

“O senhor perturbou-se quando viu a foto”, disse Gratarolo. “Certas imagens despertam alguma coisa aí dentro, trata-se de um caminho.”

“Mas que caminho, se não consigo nem repescar meu pai e minha mãe desse buraco negro do diabo”, gritei. “Vocês disseram que aqueles dois eram minha mãe e meu pai, agora já sei, mas é uma recordação que vocês me deram. De agora em diante vou lembrar dessa foto, deles não.”

“Quem sabe quantas vezes, nesses últimos trinta anos, o senhor também se lembrou deles porque continuava a olhar essa foto. Não pense na memória como um armazém onde deposita as recordações e depois vai pescá-las exatamente como se fixaram na última vez”, disse Gratarolo. (ECO, 2005, p. 29–30)

A memória enquanto construto coletivo, produção individual, trauma e elaboração, resgatada através dos livros e músicas que compunham o repertório da infância do personagem, traz à luz diversas figurações sobre os tipos de memória estudados na contemporaneidade. A busca desenfreada pela rememoração de sua história individual através das imagens que compunham sua infância, a reescritura de sua própria identidade, o reencontrar-se consigo mesmo frente a um espelho retorcido, são assuntos que emergem do texto indicando o caminho da crítica à perda da memória

como um todo. Não é por acaso que surgem dentro do texto referências à cultura de massa, muito presente na produção do pós-guerra, a valorização do cinema e dos quadrinhos, a mescla do erudito e do *pop* que vai reconstruindo a memória tendenciosa deste personagem. O que compõe sua memória são os livros, e até mesmo sua busca pela identificação imagética é esvaziada de sentido, posto que esta identificação ocasiona uma catalogação da imagem e sua relação com o contexto. O mal de arquivo invade suas memórias, sem que jamais lhe permita reconstruir fidedignamente sua identidade.

O arquivo do conhecimento geral, cultural, social e histórico é construído com base nos acontecimentos relatados por um determinado grupo dominante, que se mantém a partir das relações de poder. Desta forma, a história contada sempre se baseia em um ponto de vista específico, que não necessariamente reflete a realidade ou o que, de fato, foi testemunhado. Desta forma, o arquivo acaba sendo reduzido à experiência da memória de uma “instância de autoridade” (DERRIDA, 2001, p. 8). Por isso, se torna imprescindível reavaliar os acontecimentos na busca de reorganizar os arquivos, observando o prisma da história. O real acontecimento é recalcado através dos discursos exteriores, porém faz-se necessário escavar suas origens, no intuito de encontrar os vestígios dos registros primordiais. Assim, a literatura desenvolve papel imprescindível no exercício do reencontro da narrativa original, buscando uma — ou mais — interpretação da história.

A busca de Yambo pela reconstrução de sua memória, em consequência, do resgate de sua identidade, perpassa a relação do espaço e do tempo com os mecanismos de armazenagem das experiências vividas. O que Eco promove em seu texto nada mais é do que a tentativa de explorar as relações da mente humana, que, para Freud, se divide em três instâncias, consciente, subconsciente, e inconsciente, com o arquivamento das memórias, sejam elas pertencentes a um grupo, uma geração, uma família, ou apenas a um indivíduo. Fica claro que os espaços como referentes que suscitam recordações acabam por não obter êxito, pois o personagem culmina em um emaranhado de lembranças que não alcançam seu intuito final. Em contrapartida, as hipóteses levantadas pelo personagem-detetive sobre a constituição de sua identidade, revelada pelas lembranças que se armazenam no inconsciente, são revalidadas no último capítulo, pois o personagem recebe uma descarga de memórias que confirma suas

suspeitas. Eco fecha sua narrativa, mas deixa a porta aberta para seu leitor, que adota uma perspectiva e constrói sua própria conclusão.

A memória vegetal, termo tão querido de Eco, é reverenciada em *A misteriosa chama da rainha Loana*, pois o autor homenageia tanto a literatura, suas obras e sua importância na composição do indivíduo, sua capacidade de propor reflexões e encontrar alternativas para a existência, como o próprio processo de composição da narrativa, explorando através do personagem central a metáfora da escrita, que resgata elementos reais, mescla a situações ficcionais, compondo, ao final, uma nova verdade, uma outra possibilidade, um espelho da realidade, no qual o leitor se observa, vendo muito além de si próprio.

Os espaços-tempos se tornam infinitos, ao se colocar, frente a esse espelho que é a narrativa, o outro espelho, do homem, da testemunha histórica e literária, de cada leitor de cada momento, construindo um sistema *mise en abyme*, que eterniza a narrativa, amplifica as possibilidades interpretativas, propaga a memória e constrói uma ponte que leva o passado ao futuro, *ad eternum*.

Referências

AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. Porto: Livraria Apostolado da Imprensa, 1955.

DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Tradução de Claudia Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

ECO, Umberto. *A memória vegetal e outros escritos sobre bibliofilia*. Rio de Janeiro: Record, 2010.

_____. *A misteriosa chama da Rainha Loana*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

FOSTER, Hal. O retorno do real. *Concinnitas*. Rio de Janeiro, ano 6, vol. 1, n. 8, jul. 2005.

FREUD, Sigmund. Uma nota sobre o bloco mágico. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol. XIX*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Edições Vértice, 1990.

HUTCHEON, Linda. *Uma teoria da paródia*. Lisboa: Edições 70, 1985.

SANTOS, Lilian Braga dos. Sobre a memória em Freud: uma introdução. In: *Língua, literatura e ensino*. Campinas, v. 3, mai./2008, p. 491–497.

SCHOLLHAMMER, Karl. Eric. Realismo afetivo: evocar realismo além da representação. *Estudos de literatura brasileira contemporânea*. Brasília, n.39, p. 129–148, jan./jul. 2012.